

26/08/2016 - 05:00

## "Estamos na metade da crise mundial"

Por Jorge Félix

A crise



"As instituições estão desajustadas", diz o economista francês Robert Boyer

financeira mundial, iniciada em 2007, está apenas no meio do caminho e há grandes desafios para que a economia global seja encaminhada a uma nova fase de crescimento. No plano teórico, o maior deles seria a incapacidade da própria ciência econômica de explicar as razões da crise e solucioná-la com as ferramentas até então disponíveis em seus manuais. Na prática, o desafio é estabelecer ações que atendam a interesses dos dois países que passaram a dividir o comando da economia mundializada - EUA e China -, além das imposições suscitadas pelo esgotamento dos recursos naturais do planeta no século XXI. Isso faz da crise atual totalmente distinta das anteriores tal como sempre defendeu a chamada Teoria da Regulação. "Vivemos uma era de incerteza econômica radical. E longa", diz o economista francês Robert Boyer, de 73 anos, nesta entrevista concedida ao **Valor**, durante visita ao Brasil.

Boyer é um dos pais dessa escola econômica que completa 50 anos. Em 1976, seu colega Michel Aglietta publicava "Regulação e a Crise do Capitalismo", obra inaugural dessa corrente teórica, resultado de pesquisas de economistas preocupados em explicar a crise dos anos 70. Segundo a teoria, as crises guardam particularidades nacionais, embora com efeitos globais, que variam de acordo com suas instituições. "As instituições estão desajustadas" - é o diagnóstico de Boyer. E o principal motivo é a falta de regulação para a finança mundial cuja primeira fase da crise foi incapaz de restabelecer.

**Valor:** O senhor diz que estamos na metade da crise mundial. Por quê?

**Robert Boyer:** Nos EUA, pela primeira vez na história, o Banco Central mantém a taxa de juros praticamente nula por cinco anos e é desconhecido até quando permanecerá assim. Não se retorna ao nível anterior de acumulação e também não existe novo regime. Não se sabe como limitar a crise do sistema de acumulação financeirizada. Como retornar aos níveis de lucratividade das empresas etc? Na Europa, não se sabe como sair da crise do euro, da Grécia e dos refugiados. Agora tudo se agrava com o Brexit. O terceiro elemento a levar em conta é a China. Ela reagiu muito bem em 2008, mas seu modelo chegou a seu limite em termos de crescimento e ampliou as incertezas. Isso indica que o modelo de crescimento pelo consumo está esgotado. Se observarmos a América Latina, também verificamos modelos esgotados na Venezuela, na Argentina, no Brasil. Em resumo, todas as regiões estão em crise. É bom lembrar que a saída para a Grande Depressão de 1929 foi longa. Só foi possível depois da Segunda Guerra.

**Valor:** Como a teoria da regulação poderia ajudar?

**Boyer:** Uma das questões básicas da nossa teoria é como explicar que crises se renovem periodicamente no próprio âmago de regimes de crescimento que anteriormente tinham encontrado êxito? Ou por que as crises do capitalismo se sucedem sem, entretanto, ser a repetição idêntica das mesmas sucessões de eventos? Essa incerteza radical é que está fazendo prolongar a crise atual. O que ouvi aqui sobre o Brasil, inclusive de políticos, mostra uma falta de caminho. Como apoiar o

crescimento? Como sair da crise atual política e econômica? Para a economia liberal, a recessão precede a retomada, que vem assim que a confiança é restabelecida. Para os marxistas, não é a crise final do capitalismo, mas uma crise de transformação considerável do regime de acumulação. Para a teoria da regulação, é estrutural, envolve as instituições.

**Valor:** *Quais são as diferenças?*

**Boyer:** As instituições estão desajustadas. Os sindicatos estão fracos; os bancos, mais especulativos. Logo, a teoria usual não dá mais conta. Reduz os juros e nada ocorre. Não se retoma o crescimento. Nos EUA, é modesto ainda. No caso da Inglaterra, as regiões que vivem do sistema financeiro votaram pela globalização, as que vivem do setor produtivo votaram pelo Brexit. Como governar essa sociedade? Aos poucos, alguns conseguem convencer que a melhor solução é voltar ao passado, ao nacionalismo ou ao protecionismo. Ora, isso é antagônico ao capitalismo. É o retrocesso ao período anterior à primeira fase da globalização, em 1914. Logo constitui outra crise: a crise do programa político de saída da crise.

**Valor:** *Nem a esquerda nem a direita apresentam essa solução.*

**Boyer:** A esquerda francesa está silenciosa, não tem programa. Por quê? Porque a crise é bem diferente de 1929. Não há uma saída em um ambiente internacional no qual os EUA não têm mais a hegemonia total. Essa novidade deixa a direita e a esquerda sem resposta. Não à toa a Janet Yellen [presidente do Fed, o banco central americano] hesita em mexer nas taxas de juros. Se aumentar, num primeiro momento, pode até ser favorável aos EUA, mas logo vai gerar crise em outros países e essa crise retorna. Isso é novo na economia mundial.

**Valor:** *Não pode repetir o ex-presidente do Fed Paul Volcker, em 1979.*

**Boyer:** Pela primeira vez, os EUA precisam levar em conta os efeitos sobre os outros. A diferença é que, diferentemente de 1929 e da crise dos anos 70, agora a China tem sua política econômica. Isso é novidade, reforça a limitação de atuação com base nas teorias tradicionais.

**Valor:** *Qual o desafio ou a saída?*

**Boyer:** O desafio é encontrar uma solução que leve em conta três fatores principais: a recuperação dos EUA, o dinamismo da China e o esgotamento de recursos naturais. O problema aí é a guerra cambial. Cada um quer desvalorizar sua moeda. É um ambiente muito pouco cooperativo. Com esse agravante, como dito, de os EUA não ter mais o papel central.

**Valor:** *Qual a imagem que o senhor tem do Brasil neste momento?*

**Boyer:** O Brasil é o caso mais bem-sucedido de desenvolvimentismo na América Latina. Por quê? Pelo tamanho de sua população. Pelo trabalho de seus intelectuais. As soluções aqui são mais difíceis. O Brasil tem a responsabilidade sobre a região e a solução tem que sair daqui. Não sairá da Argentina ou do México, onde a perda de autonomia em relação aos EUA é extraordinária. O México é um país que não existe mais como autônomo. Se o Brasil falhar, será uma catástrofe para a América Latina.